



UNILEÃO – CENTRO UNIVERSITÁRIO DR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE FISIOTERAPIA

FERNANDA CLEMENTINO FERREIRA

INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS E A SAÚDE DA MULHER:
REVISÃO INTEGRATIVA

JUAZEIRO DO NORTE
2021

FERNANDA CLEMENTINO FERREIRA

**INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS E A SAÚDE DA MULHER:
REVISÃO INTEGRATIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Fisioterapia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (Campus Saúde), como requisito para obtenção do Grau de Bacharelado.

Orientador: Prof. Esp. Carolina Assunção
Macedo Tostes

JUAZEIRO DO NORTE
2021

INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS E A SAÚDE DA MULHER: REVISÃO INTEGRATIVA

Fernanda Clementino Ferreira¹

Carolina Assunção Macedo Tostes²

1- Acadêmica do curso de Fisioterapia da Faculdade Leão Sampaio.

2- Professora do Colegiado de Fisioterapia da Faculdade Leão Sampaio. Especializada em Fisioterapia na Saúde da Mulher – Teresina/PI.

RESUMO

Introdução: As Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) afetam a vida da pessoa e deprime a autoestima das mulheres, acometendo a saúde de maneira geral e principalmente a integridade pélvica. Sabe-se que há sequelas graves que levam a fraqueza da musculatura pélvica, distúrbio urinário e fecal, inflamações, infertilidade e câncer. Uma das complicações decorrentes de ISTs é a DIP que ascende da vagina para o colo do útero e deste para o trato genital superior. Portanto, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar a relação entre DIP (doença inflamatória pélvica) e ISTs na saúde pélvica feminina. **Método:** O presente estudo é de abordagem qualitativa e foi realizado por meio de revisão integrativa para analisar na literatura existente sobre a relação entre DIP (Doença Inflamatória Pélvica) e (Infecções Sexualmente Transmissíveis) ISTs na saúde pélvica feminina. **Resultados:** Os resultados demonstram que a saúde da pélvica da mulher é atingida pela DIP que atua diretamente nas partes abaixo do abdômen, além disso, é uma inflamação aguda, o que causa fortes dores. Não apenas a DIP, mas as infecções sexualmente transmissíveis influenciam na saúde pélvica da mulher através de seus sintomas e principalmente por poder infectar órgãos importante como útero e reto. **Conclusão:** Já que as infecções sexualmente transmissíveis e a DIP influenciam na saúde pélvica da mulher e pode causar sequelas, fundamental que as mulheres estejam atentas aos sinais que o corpo apresenta para iniciar um tratamento o mais rápido possível para garantir qualidade de vida.

Palavras-chave: IST'S, saúde pélvica, DIP.

ABSTRACT

Introduction: Sexually Transmitted Infections (STIs) affect a person's life and depress women's self-esteem, affecting health in general and especially the pelvic integrity. It is known that there are serious sequelae that lead to weakness of the pelvic muscles, urinary and fecal disorders, inflammation, infertility and cancer. One of the complications resulting from STIs is PID that ascends from the vagina to the cervix and from there to the upper genital tract. Therefore, the present work has as general objective to analyze the relationship between PID (pelvic inflammatory disease) and STIs in female pelvic health. **Method:** This study has a qualitative approach and was carried out through an integrative review to analyze the existing literature on the relationship between PID (Pelvic Inflammatory Disease) and STIs (Sexually Transmitted Infections) in female pelvic health. **Results:** The results demonstrate that women's pelvic health is affected by PID, which acts directly on the parts below the abdomen, in addition, it is an acute inflammation, which causes severe pain. Not only PID, but sexually transmitted infections influence women's pelvic health through their symptoms and mainly because they can infect important organs such as the uterus and rectum. **Conclusion:** Since sexually transmitted infections and PID influence women's pelvic health and can cause sequelae, it is essential that women are aware of the signs that the body presents to start treatment as soon as possible to ensure quality of life.

Keywords: IST'S, pelvic health, PID.

INTRODUÇÃO

As infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) podem ser classificadas como problema de saúde pública, onde, caso não seja tratada, ocasiona uma série de riscos para a saúde da mulher. Além disso, as infecções são adquiridas principalmente por meio de relações sexuais sem uso de preservativo, sendo causadas por vírus, bactérias ou parasitas, acarretando danos como Doença Inflamatória Pélvica (DIP), Infertilidade e até Câncer. Ainda, as ISTs podem se revelar através de sintomas como feridas, corrimentos, dor pélvica e outros sintomas a depender do tipo de infecção.

Outrossim, relações sexuais desprotegidas podem causar uma infecção chamada DIP nas mulheres, ela pode acontecer devido ao contato com bactérias durante a relação, no entanto, ela é mais recorrente em mulheres que já possuam outras infecções sexualmente transmissíveis (HALBE; CUNHA, 2010). De acordo com Davies *et al* (2016), a DIP pode ser considerada uma doença inflamatória pélvica, ela é algo corriqueiro, por isso é importante estar atento aos sintomas para tratar da maneira devida e precoce para evitar complicações e proporcionar qualidade de vida ao paciente.

No contexto atual, as Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) afetam a vida da pessoa e deprime a autoestima das mulheres, acometendo a saúde de maneira geral e principalmente a integridade pélvica. Sabe-se que há sequelas graves que levam a fraqueza da musculatura pélvica, distúrbio urinário e fecal, inflamações, infertilidade e câncer (SILVA, 2018). Uma das complicações decorrentes de ISTs é a DIP que ascende da vagina para o colo do útero e deste para o trato genital superior. Seus agentes etiológicos mais incidentes são a gonorreia e a clamídia (NUNES, 2017).

Conforme supracitado, a DIP é uma doença de difícil diagnóstico, pois há casos que podem ser assintomáticos e casos que evoluem para abscesso do tubo ovariano, tendo como principal sintoma dor na região abdominal inferior, sendo esta bilateralmente. Segundo Félix (2015), a maioria das mulheres infectadas permanecem assintomáticas, embora algumas possam apresentar os achados típicos de cervicite, incluindo corrimento vaginal, sangramento vaginal anormal e corrimento purulento endo cervical (MENEZES *et al*, 2021).

Ainda nesse sentido, a clamídia causa infecções na mucosa vaginal, com isso a flora bacteriana contida na região invade as lesões e proporciona um ambiente favorável para a proliferação de microrganismo anaeróbicos, podendo chegar até as tubas uterinas e assim causar infertilidade. Outros agravantes são as incontinências urinarias (IU) e o prolapso de órgãos pélvicos (FELIPE, 2020).

Ademais, a DIP é uma infecção que se origina em partes do trato genital ou até mesmo em outros órgãos da mulher como ovários, além disso, essa infecção pode causar infertilidade na mulher devido as sequelas proporcionadas pela doença. Portanto, entre os sintomas da DIP, é possível citar como um dos mais recorrentes a dor abaixo do ventre, que pode ocorrer de maneira aguda ou não, além disso, os

momentos em que há mais queixas é no período da menstruação ou nas relações sexuais. Ainda, essa infecção pode causar corrimentos e sangramento vaginal (CAMPOS; OLIVEIRA, 2011).

De acordo com a PORTARIA Nº426/GM de 22 de março de 2005, parte dos relacionamentos entre homem e mulher há problemas relacionados a infertilidade, com base nisso, ainda se acredita que parte das mulheres propicias a reproduzir, possui DIP. Tudo isso pode acontecer devido a fatores como tratamento tardio, onde os órgãos possam ser acometidos, no entanto, o diagnóstico pode ser demorado devido aos sintomas que muitas vezes dificultam o processo.

Portanto, é fundamental que as mulheres se cuidem e estejam atentas aos sinais do corpo, visto que aos primeiros sintomas de DIP é necessário procurar ajuda médica para avaliação e diagnóstico, para posteriormente iniciar o tratamento indicado a cada situação. O diagnóstico precoce é de suma importância para que mulheres acometidas por essa doença possam ter qualidade de vida e preservar a saúde pélvica.

Deste modo, o presente estudo tem como finalidade investigar as complicações causadas pelas ISTs na saúde da mulher enfatizando a DIP, que já é um agravante proveniente de infecções não tratadas, acarretando riscos à saúde e comprometendo a integridade pélvica da mulher. O estudo tem como pergunta norteadora: Qual a relação entre a Doença Inflamatória Pélvica – DIP e ISTs? De que forma essas infecções podem implicar a saúde feminina? Quais disfunções pélvicas podem ser desencadeadas por ISTs?.

Para tanto, foi realizada revisão integrativa com a intenção de discutir acerca do perigo dessas doenças, além da importância da fisioterapia nessa área. Portanto, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar a relação entre DIP (doença inflamatória pélvica) e ISTs na saúde pélvica feminina.

MÉTODO

O presente estudo é de abordagem qualitativa e foi realizado por meio de revisão integrativa para analisar na literatura existente sobre a relação entre DIP (Doença Inflamatória Pélvica) e (Infecções Sexualmente Transmissíveis) ISTs na

saúde pélvica feminina. Para atingir o objeto de estudo, conta com dados de repositórios como *National Library of Medicine* (PubMed), *Scientific Electronic Online* (SciELO) e artigos na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), a partir do cruzamento dos Descritores de Ciência da Saúde (DeCS). Tendo em vista a importância de abordagem do tema supracitado, as buscas dos artigos foram baseadas na patologia referente ao estudo, bem como aspectos gerais sobre ISTs.

Além disso, as buscas dos trabalhos também tiveram como base a pergunta norteadora da pesquisa: Qual a relação entre a Doença Inflamatória Pélvica – DIP e ISTs? De que forma essas infecções podem implicar a saúde feminina? Quais disfunções pélvicas podem ser desencadeadas por ISTs? O presente estudo se trata de uma revisão integrativa, pois houve a pesquisa bibliográfica com o objetivo de encontrar artigos cujos abordassem o tema do trabalho. Outrossim, foram determinados os critérios de seleção e inclusão. Dessa forma, para delimitar os artigos a serem analisados, foi importante a leitura do título e resumos de cada um encontrado para entender a objetividade de cada.

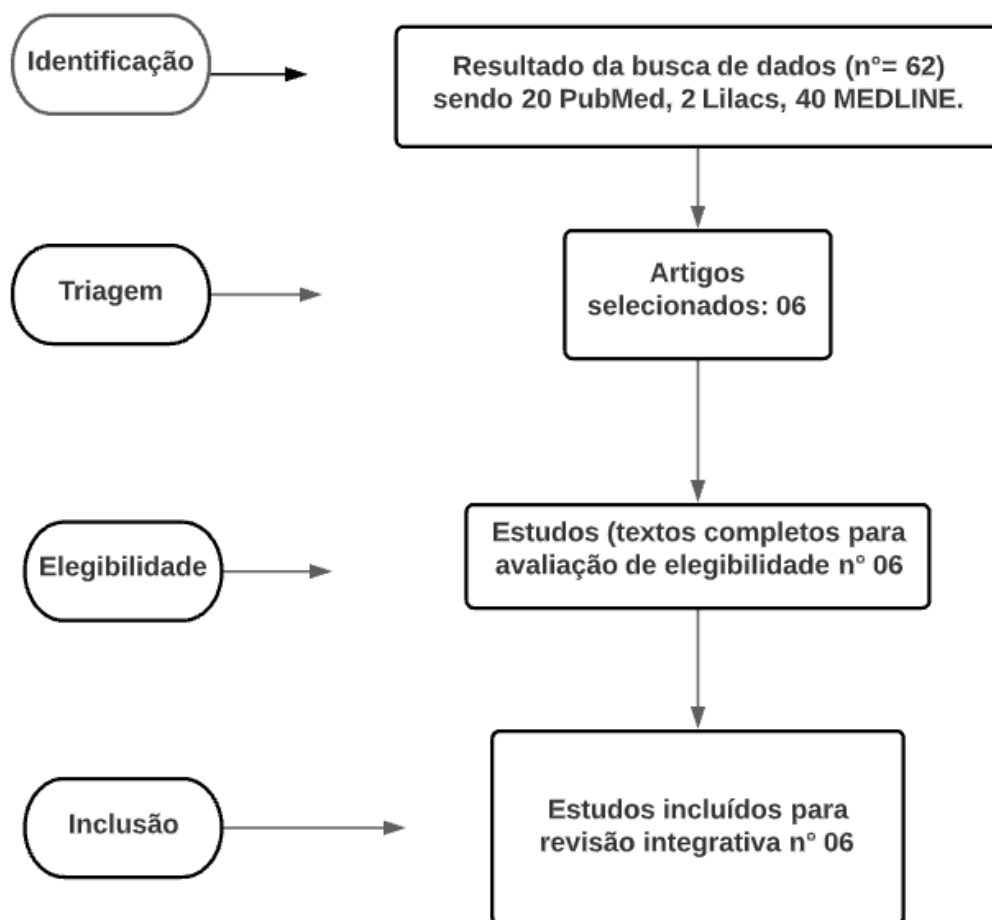
Critérios de inclusão e exclusão:

Os critérios de inclusão foram artigos disponibilizados na íntegra de forma gratuita, em português, inglês ou espanhol, publicados no período de 2015 a 2020, com título contendo referência aos descritores, passando para a etapa de leitura classificatória do resumo e, em seguida, do texto na íntegra. Os critérios de exclusão eliminaram os artigos em duplicidade nas bases de dados utilizadas, em outros idiomas e com descritores e textos não relevantes ao tema em questão.

Procedimentos de coleta de dados:

O processo de coleta de dados ocorreu através de buscas nas bases de dados supracitadas respeitando os critérios de inclusão e exclusão, além de utilização dos descritores: IST; DIP – Doença Inflamatória Pélvica e Complicações das ISTs. A partir disso foram selecionados 06 artigos para análise.

Figura 01 – Fluxograma de seleção de artigos



Fonte: Dados levantados na pesquisa (2021).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme a realização da pesquisa, com base nos descritores supracitados na metodologia, foram encontrados cerca de 62 artigos relacionados, porém apenas 06 estavam de acordo com o objetivo deste trabalho. Os artigos selecionados são mais delimitados e abordam sobre as infecções sexualmente transmissíveis, além de citarem exatamente a DIP. Assim, a amostra para essa pesquisa conta com seis artigos, os quais foram selecionados de acordo com os critérios de inclusão definidos anteriormente. Dos artigos selecionados, três foram encontrados na base de dados MEDLINE, dois na Lilacs e um na PubMed, o quadro 1 irá apresentar cada artigo e sua proposta.

Quadro 1. Artigos levantados nas bases de dados LILACS, Medline e PubMed

Procedência	Título do artigo	Autores	Considerações
MEDLINE	Protocolo Brasileiro para Infecções Sexualmente Transmissíveis 2020: doença inflamatória pélvica	Menezes <i>et al</i> (2021)	Aborda a respeito da doença inflamatória pélvica, diagnóstico e tratamento preconizado.
MEDLINE	Doença inflamatória pélvica	Mello <i>et al</i> (2016)	Doença Inflamatória Pélvica, o que essa doença pode causar as mulheres e tratamento.
MEDLINE	Contracepção e infecção pélvica em mulheres	Keith <i>et al</i> (2015)	Doenças sexualmente transmissíveis como problema para as mulheres; dor e sensibilidade pélvica.
LILACS	Fatores que determinam o desenvolvimento da doença inflamatória pélvica	Maia <i>et al</i> (2021)	Doença com agente causador sexualmente transmitido; processo inflamatório; disfunções pélvicas.
LILACS	Abordagem da dor pélvica crônica em mulheres	Nogueira <i>et al</i> (2015)	Principais disfunções do assoalho pélvico; dor crônica; tratamento multidisciplinar.
PUBMED	Abordagem nas doenças sexualmente transmissíveis	Júnior <i>et al</i> (2017)	Infecções sexualmente transmissíveis entre os problemas de saúde pública causando consequências as mulheres.

Fonte: Dados levantados na pesquisa (2021)

A presente revisão integrativa contou com análise dos seis artigos selecionados atendendo aos critérios de inclusão e exclusão, além disso, é

importante citar que os artigos incluídos na pesquisa foram elaborados por profissionais e estudantes da área da saúde. Portanto, os artigos estudados apontam que as infecções sexualmente transmissíveis são recorrentes na sociedade, chegando a ser um problema de saúde pública em território nacional e fora do país (JUNIOR *et al*, 2017). Entre as principais repercussões causadas à mulher após ser acometida por alguma IST, está infertilidade, onde a mulher fica impossibilitada de engravidar, ainda, outra causa pode ser a transmissão da doença para o bebê, caso consiga gestar (JUNIOR *et al*, 2017).

Desse modo, as infecções mais graves são as que não possuem cura, como HIV, Hepatite B, C e Herpes, as mais comuns são as que promovem corrimento, como gonorreia, clamídia e outros (JUNIOR *et al*, 2017). Em linhas gerais, o tratamento é fundamental mesmo quando não cura, pois é importante proporcionar qualidade de vida as mulheres acometidas com alguma infecção. Atualmente o público-alvo dessas doenças são pessoas com vida sexualmente ativas, principalmente as que possuem mais de um parceiro. Porém, de acordo com Júnior *et al* (2017), o público mais jovem com vários parceiros sexuais está mais suscetível a contrair uma infecção sexualmente transmissível.

Em 1999, a Organização Mundial da Saúde (OMS) estimou o total de 340 milhões de casos novos por ano de doenças sexualmente transmissíveis (DST) curáveis em todo o mundo, entre indivíduos com idade de 15 e 49 anos, 10 a 12 milhões desses casos no Brasil. Outros tantos milhões de DST não curáveis (virais), incluindo o herpes genital, infecções pelo papilomavírus humano, hepatite B e infecção pelo HIV ocorrem anualmente. Das mulheres com infecções não tratadas por gonorreia/clamídia, 10 a 40% desenvolvem doença inflamatória pélvica (DIP). Destas, mais de 25% se tornarão inférteis, lembrando que a estimativa da taxa de infertilidade por causas não infecciosas varia de três a 7% (JUNIOR *et al*, 2017, p. 5).

De acordo com os dados apresentados, o percentual de mulheres acometidas por esse tipo de doença é alto no Brasil, esses dados ainda podem ser considerados preponderantes a falta de uso do preservativo. Além disso, infecções não tratadas podem causar maiores problemas a saúde da mulher, como a doença inflamatória pélvica – DIP, que é uma infecção no trato genital superior feminino, essa doença pode causar sérios danos como a infertilidade, ou possibilidade de produzir uma gravidez de risco. Assim, as mulheres precisam estar atentas aos sinais que seu corpo proporciona, para que em caso de contrair uma infecção, seja diagnosticada rapidamente para iniciar o tratamento adequado (JUNIOR *et al*, 2017).

No entanto, mesmo as ISTs sendo uma problemática no cenário atual principalmente para as mulheres, ela tomou maior proporção devido ao alto índice de HIV, de acordo com Júnior *et al* (2017), chegou a se tornar uma epidemia tendo em vista que as chances de contrair a AIDS aumentam devido a circunstâncias como a presença de outras infecções genitais. Mesmo o HIV sendo uma infecção grave presente na sociedade, é importante prevenir e orientar as mulheres em relação as outras infecções, como a supracitada doença inflamatória pélvica que pode prejudicar as mulheres e causar má qualidade de vida, além de fortes dores (JUNIOR *et al*, 2017).

Portanto, em se tratando de DIP, os principais fatores que implicam em seu desenvolvimento é o não tratamento ou tratamento tardio de infecções sexualmente transmissíveis como gonorreia e sífilis. As quais podem ser resultantes de mulheres com variedade de parceiros sexuais, além do nível de frequência do coito, caso seja alto também é um fator para desenvolvimento da DIP. Ainda, o surgimento da DIP é mais comum em mulheres jovens, visto que é uma faixa etária com a vida sexual mais ativa. Para Maia *et al* (2021), a situação socioeconômica também implica no índice de DIP, “referente aos acessos a serviços de saúde, condições de higiene, tratamento, fatores ambientais, comportamentais entre outro” (MAIA *et al*, 2021, p. 89).

Sendo assim, a DIP, por ser uma inflamação aguda, causa dores pélvicas que é localizada nas partes abaixo do abdômen, o que muitas vezes é confundida pelas mulheres como sendo apenas uma cólica ou algo do tipo, porém, o quadro clínico deve ser investigado e identificado (NOGUEIRA *et al*, 2015). No entanto, o diagnóstico nem sempre é rápido e fácil, pois a DIP pode ser confundida com outras doenças devido aos seus sintomas, nesse caso é preciso maior investigação médica para identificar o problema e a causa. Ainda, a DIP é adquirida através de infecções sexualmente transmissíveis não tratadas corretamente, então ela pode ser diagnosticada mais facilmente de acordo com o histórico da paciente (NOGUEIRA *et al*, 2015).

Desse modo, o diagnóstico precoce é o mais indicado em casos de DIP para que ela não cause maiores complicações a mulher além das dores. Para Nogueira *et al* (2015), a dor pélvica “é definida como dor pélvica não menstrual ou não cíclica” (NOGUEIRA *et al*, 2015, p. 720), assim, essa dor é sinal de que pode haver algo

fora do comum com a mulher, principalmente de acordo com a sua intensidade e no modo como ela influencia a vida. Sendo assim, a dor pélvica pode ser proveniente de diferentes áreas, em caso de DIP, sua etiologia é resultado do sistema genital (NOGUEIRA *et al*, 2015).

Assim sendo, a dor pélvica pode ser um indício de DIP, porém é preciso avaliar considerar a história clínica da paciente para chegar ao diagnóstico, visto que essa dor pode ser resultante de outros problemas, por isso é necessário mapear a dor, fazer questionamentos a paciente para compreender seu histórico de vida. Além disso, para Nogueira *et al* (2015), é necessário também investigar a escala da dor, os exames físicos são importantes aliados nesse processo de identificação da dor pélvica, junto ao exame abdominal, onde o profissional da saúde irá examinar a parede abdominal e avaliar a área.

O exame pélvico deve ser realizado da maneira mais confortável e delicada possível, pois a sensibilidade dolorosa dessas pacientes está frequentemente exacerbada. A bexiga deve estar vazia. O exame deve-se iniciar pela inspeção da genitália externa (vulva, vestibulo e uretra) à procura de lesões ou pontos dolorosos, seguida pelo exame especular tradicional. O exame vaginal, inicialmente uni digital, é realizado a seguir para avaliação da uretra, base da bexiga e região do trígono na parede vaginal anterior, tentando identificar pontos dolorosos de origem uretral ou vesical. O próximo passo consiste na avaliação uni digital dos músculos do assoalho pélvico (levantadores do ânus: pubo coccígeos, pubo retais e iliococcígeos; coccígeos; piriformes e obturadores internos) (NOGUEIRA *et al*, 2015, p. 737).

Através de avaliação e exames, será possível identificar se a causadora das dores pélvicas é DIP ou não na paciente, geralmente no processo de conversa e história clínica, o profissional da saúde identifique a presença de uma infecção sexualmente transmissível, desta maneira o diagnóstico poderá ser mais claro. No entanto, caso ainda haja dúvidas, podem ser realizados exames subsidiários para complementar o diagnóstico, como laparoscopia, tomografia e outros. Investigar dores pélvicas é fundamental para o bem-estar das mulheres, para então delimitar a melhor forma de tratamento, pois muitas vezes o tratamento é feito de modo errôneo devido ao diagnóstico específico.

Para Keith *et al* (2015), o erro de tratamento acontece na maioria das vezes logo no início das dores, por isso a necessidade de uma investigação mais avançada do caso. A DIP ocorre muitas vezes devido ao trato genital feminino ser favorável ao aparecimento de microrganismos, por isso, quando a mulher é acometida por uma infecção sexualmente transmissível, estará suscetível a doença

inflamatória pélvica devido as bactérias. Por isso a mulher que possui vários parceiros e coito frequente, está mais vulnerável a DIP (KEITH *et al*, 2015)

Ainda, outro fator importante na causa da dor pélvica devido a DIP são os germes adquiridos através da relação sexual desprotegida, eles são capazes de inflamar o trato superior feminino causando fortes dores no assoalho pélvico. Além das tubas interinas que também podem ser inflamadas, essas inflamações são resultantes de infecções sexualmente transmissíveis. De acordo Keith *et al* (2015), entre as bactérias causadoras das ISTs está a *Chlamydia trachomatis*, sendo seu poder de infecção no corpo alto e pode resultar em dores pélvicas, até mesmo crônicas.

Independentemente de ser DIP ou não, as ISTs requerem tratamento específico e precoce, pois elas podem causar maiores repercussões à mulher, além da infertilidade, podem ocasionar complicações do tipo inflamações principalmente no órgão genital, além disso, algumas repercussões podem acometer o homem também, não apenas a mulher. Portanto, as principais disfunções que a DIP pode causar ao assoalho pélvico é disfunção sexual, onde a mulher poderá sentir dor no ato da relação sexual, além de dor crônica pélvica, essas são as mais comuns causadas por IST (KEITH *et al*, 2015).

Em vista disso, o tratamento precisa ser individualizado, levando em consideração o histórico clínico da paciente e suas particularidades, além disso, esse tratamento pode acontecer com a junção de diferentes profissionais, entre eles o ginecologista para diagnosticar e prescrever um tratamento com medicamentos para alívio das dores. Tendo em vista que a DIP pode causar fortes dores pélvicas, profissionais da fisioterapia especializados nessa área podem contribuir no tratamento, visto que estes irão tratar os músculos do assoalho pélvico visando a diminuição das dores (KEITH *et al*, 2015).

No que concerne as dores pélvicas, a fisioterapia pode contribuir como auxiliar nesse tratamento, bem como em outras disfunções pertinentes ao assoalho pélvico, dessa maneira, o tratamento fisioterápico pode potencializar e acelerar o os resultados, assim, melhorar a qualidade de vida de mulheres com DIP e outras doenças relacionadas ao assoalho pélvico (MELLO *et al*, 2016) A fisioterapia pélvica é uma área de extrema importância para as mulheres, pois ela age diretamente na

melhoria da qualidade de vida, de modo a proporcionar bem-estar e prevenção de dores. Assim:

O tratamento deve ser iniciado imediatamente, visando evitar complicações tardias como infertilidade, gravidez ectópica e dor pélvica crônica. O tratamento de outras causas comuns de dor pélvica (gravidez ectópica, apendicite aguda, cisto no ovário e dor funcional) dificilmente será prejudicado pela terapia antimicrobiana para doença inflamatória pélvica. Além de antibióticos, podem ser utilizados analgésicos e anti-inflamatórios para diminuir a sintomatologia (MELLO *et al*, 2016, p. 35).

Assim como o tratamento clínico é necessário, o tratamento fisioterapêutico também é essencial para melhorar a qualidade de vida, autoestima, confiança da mulher. A fisioterapia se enquadra em tratamento não invasivo, utilizando de recursos para analgesia, diminuição de tônus, alongamento e relaxamento muscular. dentre outros inúmeros benefício (MENEZES *et al*, 2021).

Além disso, para Menezes *et al* (2021), a Fisioterapia é considerada uma ciência focada na reabilitação dos sujeitos, bem como a promoção da qualidade de vida, por isso ela pode ser aliada principalmente no tratamento de dores pélvicas, sendo que esta é um dos principais sintomas da paciente acometida pela DIP.

Ademais, é importante que haja um acompanhamento com um fisioterapeuta para que esse profissional possa promover maiores cuidados em relação as dores. No entanto, para que isso aconteça, é preciso haver uma série de cuidados, entre uma avaliação completa para definir o tratamento mais adequado para cada caso.

Para tanto, para que as mulheres com sequelas de ISTs, principalmente as que sofrem com dores tenham maior qualidade de vida e saúde, é preciso acompanhamento com profissionais especializados no assunto, sendo que uma equipe multiprofissional faz toda diferença no tratamento e na melhora do quadro. Além disso, é importante maiores campanhas de conscientização pelos governantes e profissionais da saúde no tocante as IST's, a informação precisa chegar a todos, principalmente a mulheres sem acessibilidade a saúde e outras fontes de informação.

CONCLUSÃO

As Infecções Sexualmente Transmissíveis são infecções ocasionadas por bactérias ou vírus, comumente elas são transmitidas através de relações sexuais sem proteção, atualmente no Brasil elas são consideradas problema de saúde pública, visto que o índice de recorrência é alto e essas infecções podem acarretar sérios problemas a saúde da mulher Júnior *et al* (2017). Ainda, caso não haja uma abordagem terapêutica direcionada, as IST's podem prejudicar a qualidade de vida das mulheres e proporcionarem o surgimento de outras infecções como a DIP – Doença Inflamatória Pélvica, que é uma infecção no trato genital superior feminino, essa doença pode causar sérios danos como a infertilidade, ou possibilidade de produzir uma gravidez de risco (MENEZES *et al*, 2021).

Para tanto, de acordo com os resultados encontrados por meio da análise de artigos, foi possível identificar que a DIP está diretamente ligada as IST's, uma vez que o seu desenvolvimento ocorre devido à falta ou tratamento tardio das IST'S mais comuns como gonorreia e sífilis. As principais disfunções que a DIP pode causar ao assoalho pélvico é disfunção sexual, onde a mulher poderá sentir dor no ato da relação sexual, além de dor crônica pélvica, essas são as mais comuns causadas por IST (KEITH *et al*, 2015). No tocante as complicações causadas pelas IST'S e DIP, é importante destacar a infertilidade com umas das principais sequelas, além do risco de gravidez de risco (MELLO *et al*, 2016).

Portanto, a saúde da pélvica da mulher é atingida pela DIP que atua diretamente nas partes abaixo do abdômen, além disso, é uma inflamação aguda, o que causa fortes dores. Não apenas a DIP, mas as infecções sexualmente transmissíveis influenciam na saúde pélvica da mulher através de seus sintomas e principalmente por poder infectar órgãos importante como útero e reto (MAIA *et al*, 2021). Dessa forma, primeiramente é fundamental que as mulheres estejam atentas aos sinais que o corpo apresenta para iniciar um tratamento o mais rápido possível para garantir qualidade de vida. Ainda, em caso de DIP, nem sempre o diagnóstico é simples, por isso a importância da investigação precoce.

O tratamento correto auxiliado de equipe multidisciplinar, principalmente com fisioterapêutica para atuar no combate a dor pélvica é de suma importância para que mulheres que sofram com essa doença possam viver bem e com qualidade.

REFERÊNCIAS

HALBE, Hans Wolfgang; CUNHA, Donaldo Cerci da. Doença inflamatória pélvica. **Diagn Tratamento**, v. 15, n. 3, p. 106-109, 2010.

CAMPOS, Ondina; OLIVEIRA, C. Doença inflamatória pélvica. **Manual de Ginecologia, Lisboa**, v. 1, p. 185-197, 2011.

Keith L, Berger GS, Brown ER. Contracepção et infecção pelvienne chez la femme [Contracepção e infecção pélvica em mulheres]. *Sexo Fértil contracept (Paris)*. 2015;14(1):49-58.

MAIA, Jesiane Rocha et al. FATORES QUE DETERMINAM O DESENVOLVIMENTO DA DOENÇA INFLAMATÓRIA PÉLVICA. **DêCiência em Foco**, v. 5, n. 1, p. 77-89, 2021.

JUNIOR, Walter Belda; SHIRATSU, Ricardo; PINTO, Valdir. Abordagem nas doenças sexualmente transmissíveis. **Anais Brasileiros de Dermatologia**, v. 84, p. 151-159, 2017.

ROCHA, Iracema Santos; MEJIA, Dayana Priscila Maia. **Atuação da Fisioterapia na Dor Pélvica Crônica**. 2016.

STEIN, Sara Regina et al. Entendimento da fisioterapia pélvica como opção de tratamento para as disfunções do assoalho pélvico por profissionais de saúde da rede pública. **Revista de Ciências Médicas**, v. 27, n. 2, p. 65-72, 2018.

PEREIRA, Gerson Fernando Mendes et al. **HIV/aids, hepatites virais e outras IST no Brasil: tendências epidemiológicas**. 2019.

SALES, Willian Barbosa et al. Comportamento sexual de risco e conhecimento sobre IST/SIDA em universitários da saúde. **Revista de enfermagem referência**, v. 4, n. 10, p. 19-27, 2016.

BERNARDI, Marcel Mocellin; BOTTON, Luiz Ricardo; GONÇALVES, Manoel Afonso Guimarães. Doença Inflamatória Pélvica e Endometrite. **Acta Méd. Porto Alegre**, v. 37, p. 6, 2016.

RABOLINI, Bruno Brasil et al. Doença inflamatória pélvica. **Lubianca, Jaqueline Neves; Capp, Edison (org.). Promoção e proteção da saúde da mulher, ATM 2024/1. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Medicina, 2021. p. 157-172., 2021.**

SCHEER, Isadora Oliveira et al. Abordagem da doença inflamatória pélvica: uma revisão de literatura. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 1, p. 169-187, 2021.

ASSIS, Layandra Vitória et al. Chlamydia Trachomatis e o risco de doença inflamatória pélvica evoluindo para quadro de infertilidade feminina: uma revisão bibliográfica. **Revista Eletrônica Acervo Científico**, v. 19, p. e5669-e5669, 2021.

FERNANDES, Sofia Lages Trindade. Rastreio da infeção genital por Chlamydia trachomatis e redução da ocorrência de doença inflamatória pélvica: uma revisão baseada na evidência. **Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar**, v. 34, n. 6, p. 384-397, 2018.